

A narrativa de Crítias e a relação entre escrita e memória¹

Alice Bitencourt Haddad
Programa de Pós-Graduação em Filosofia, UFRJ

Tomando como fio condutor as duas narrativas de Crítias, personagem de Platão dos diálogos *Timeu* e *Crítias*, propomo-nos uma introdução a algumas questões relativas à escrita e à memória. Diga-se de antemão que a exposição é de *nossa* introdução ao assunto, e não que pretendemos introduzir *os leitores* ao assunto. É claro que o leitor pode acompanhar e simpaticamente vir a se interessar por esse fascinante tema, mas o que ora enfatizamos é que este artigo expressa o ponto de partida de um longo trabalho que se inicia.

As duas narrativas de Crítias, o personagem, são intercaladas pela fala de Timeu. Temos, no *Timeu*, uma já extensa fala que não se toma ainda como *a fala* reservada a Crítias, já que o mesmo, ao terminar, diz em 27a4-6, que eles decidiram que Timeu falasse “em primeiro lugar, por ser de todos o mais entendido em astronomia e haver estudado particularmente a natureza do universo²”. E o início de *Crítias* confirma essa tese, quando Timeu, satisfeito por bem concluir sua fala, diz, em 106b7-8, que passa “a Crítias, conforme o combinado, a continuação do discurso³”. Crítias aceita a incumbência e começa seu discurso sobre aqueles antigos atenienses que um dia derrotaram um povo valoroso na guerra, os atlantes.

¹ Este texto foi apresentado no XI Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF, em Salvador, em outubro de 2004.

² Tradução de Carlos Alberto Nunes. A edição utilizada é NUNES, Benedito (Coord.). *Timeu – Crítias; O Segundo Alcebiades; Hípias Menor*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: UFPA, 2001.

³ Tradução de Carlos Alberto Nunes.

É importante ter em conta que Sócrates reclama de seus interlocutores o pôr em movimento a exposição que ele lhes fizera no dia anterior, exposição essa cujo conteúdo coincide com algumas grandes questões tratadas em *A República*⁴. O que Sócrates quer ouvir é o que aconteceria com a cidade nos moldes que eles desenharam no dia anterior, o que aconteceria quando estivesse em contato com outras cidades, em guerra ou em negociação. Hoje, tomando a data fictícia de *Timeu* e *Crítias*, Sócrates não é anfitrião do discurso. Está na vez de Timeu, Crítias e Hermócrates lhe retribuírem a hospitalidade. E a primeira prova de que os interlocutores estão empenhados nessa tarefa vem de Hermócrates. “Ontem mesmo”, apressa-se ele a dizer, em *Timeu*, 20c8-d1, “ao chegarmos ao aposento da casa de Crítias em que nos alojamos, e até durante o percurso para lá, conversamos a esse respeito⁵”. No dia anterior, logo depois da discussão sobre a mais bela cidade, os três interlocutores voltavam pensando na tarefa que lhes cabia no dia seguinte. Crítias, que havia guardado para si o fragmento de uma história de que se lembrara durante o relato de Sócrates, o conta para Hermócrates e Timeu. E mais, coisa que sabemos ao fim de sua primeira narrativa, o resto ele recompõe durante a noite, uma vez que ouvira a história com dez anos de idade. Além disso, narra na manhã do dia seguinte, no *dia* em que ocorrem os diálogos, a Hermócrates e Timeu tudo o que agora conta a Sócrates. Ou seja, deparamo-nos com várias recomposições no decorrer do tempo da mesma história. Primeiro, Crítias se lembra de parte da história que ouvira quando criança ao ouvir de Sócrates seu relato. Depois, Crítias conta a Hermócrates e Timeu essa parte da história lembrada. Em seguida, durante a noite, recompõe sozinho a história completa. No dia seguinte, de manhã, conta a Hermócrates e Timeu aquilo que

⁴ São elas: a melhor constituição, a separação das classes segundo uma tarefa própria, a determinação de uma ocupação para cada pessoa de acordo com suas aptidões naturais, salário modesto para os guardiões da cidade, igualdade de ocupações entre homens e mulheres de mesma natureza, comunidade de mulheres e filhos, regulamentação das uniões nupciais e observação das crianças para saber a qual classe pertencem.

⁵ Tradução de Carlos Alberto Nunes.

ele recompôs sozinho. Agora ele começa a narrar a Sócrates o resultado de toda a recomposição, com minúcias. Vale ressaltar, no entanto, que, restrita ao personagem Crítias, a história começa e acaba em cinco recomposições, mas, do ponto de vista da história mesma, temos um número ainda maior delas. Crítias a ouviu de seu avô, também chamado Crítias. Crítias, o avô, a ouvira de seu pai, Drópides. Drópides, bisavô do Crítias do diálogo, a ouvira de seu amigo íntimo e parente [*oikeios*] Sólon, o legislador e poeta. Sólon a ouvira de um sacerdote egípcio. O sacerdote egípcio a soubera através de livros sagrados. Aí acaba nosso conhecimento das origens do relato: nos livros sagrados do Egito. E se nos fosse permitido sair do interior do conteúdo do diálogo para a visão do diálogo em sua totalidade, reconheceríamos em Platão o último elo da cadeia de transmissão da história. Vale lembrar que Platão era sobrinho de Crítias, mantendo-se, assim, o vínculo familiar que perpassa todas as transmissões. Alguém poderia colocar contra a alegação de familiaridade na transmissão o fato de o velho sacerdote do Egito não ter nenhuma ligação com Sólon. Ao que responderíamos que algum laço os moradores de Saís, a cidade onde Sólon esteve, têm com os atenienses, uma vez que a padroeira da cidade também é Atena⁶, em egípcio, Neite. “Eles dizem ser muito amigos dos atenienses [*philathénaioi*] e de algum modo da mesma família que eles⁷ [*oikeioi* - ou *aparentados*, como traduz Carlos Alberto Nunes].”

A trama nos parece ainda mais trançada quando Crítias começa a narrar a maneira como a história lhe chegou. Estaria ele, aos dez anos, numa celebração das

⁶ Para a compreensão de Saís como um duplo da antiga Atenas, ver LORAU, Nicole. *L'Invention d'Athènes: Histoire de l'oraison funèbre dans la "cité classique"*. 2. ed. Paris: Payot & Rivages, 1993. p. 423.

⁷ Tradução nossa.

Apatúrias⁸, declamando poemas junto com outras crianças, muitas delas recitando Sólon. Aminandro, um membro da fratria dos Crítias, teria elogiado a Sólon. Ao ouvi-lo, o Crítias avô teria lhe respondido, em 21c6-d2, que se Sólon

não houvesse composto poesias por mero passatempo [*parérgoi*], mas a cultivasse como fazem tantos, e tivesse concluído a história que trouxera do Egito, sem ser forçado a abandoná-la por causa das sedições e outras calamidades que aqui veio encontrar quando de seu regresso, a [seu] parecer nenhum poeta, nem Hesíodo nem Homero, houvera alcançado maior fama do que a dele⁹.

Crítias, então, ouviu a história que seu avô estivera contando a outro. A partir da declamação dele ou de outra criança, Aminandro fez o elogio. A partir do elogio, Crítias velho se lembra da história. Platão, dessa forma, recoloca ao leitor os temas “escrita”, “memória” e “recomposição” no mesmo quadro. Refaçamo-lo nós mesmos: anteriormente encontramos Crítias se lembrando de uma história e a recompondo; uma história que teria sido escrita nos livros sagrados do Egito, contada a Sólon que, ao invés de escrevê-la, a narra ao seu amigo Drópides, que a conta a seu filho. Durante a declamação de poemas de Sólon, poemas escritos, um elogio ao autor motiva Crítias velho a contar a história que Sólon contou mas não escreveu.

A partir dessas últimas observações podemos concluir que, para o desenvolvimento dos temas “escrita” e “memória”, Platão faz do diálogo um recipiente, um agregador de outros diálogos não-escritos. O diálogo mesmo começa com a recomposição de um diálogo anterior, sobre a melhor *politeía*. Que pensemos em *A República* imediatamente é natural, mas, exceto por Sócrates, nenhum de seus personagens aparece em *Timeu* e *Crítias*. Depois Hermócrates faz menção ao diálogo

⁸ “As apatúrias são a festa de todos os ‘irmãos’: os garotos na idade da puberdade legal, de dezesseis anos completos, são introduzidos nas fratrias, cidades em miniatura. Eles são inscritos nos registros (*phratorikà grammateía*), no dia da *koureótis*, dia em que se sacrifica uma vítima dita *koureíon*, imolada na ocasião da tosa, do corte de cabelos para os rapazes apresentados à assembléia.” DETIENNE, Marcel. *La double écriture de la mythologie (entre le “Timée” et le “Crítias”)*. In: _____. *L’écriture d’Orphée*. Paris: Gallimard, 1989. p. 167-186. Ver p. 178.

⁹ Tradução de Carlos Alberto Nunes.

que tivera com Crítias e Timeu na volta da exposição de Sócrates. Mais tarde o próprio Crítias faz menção à segunda narrativa que fizera a seus interlocutores. Depois, dentro de sua narrativa cita os diálogos entre seu avô e Aminandro; entre Sólon e o velho sacerdote egípcio dentro do diálogo entre seu avô e Aminandro; entre Sólon e Drópides, também dentro desse diálogo, quando Crítias passa a narrar a história da perspectiva de Sólon; entre Sólon e o velho sacerdote, dentro do diálogo entre Sólon e Drópides, que está dentro do diálogo entre Crítias velho e Aminandro, que está dentro do diálogo entre Crítias novo e Sócrates. Portanto, a todo tempo vemos o próprio Platão se valendo da linguagem escrita, da forma com que escreve *Timeu*, para ilustrar ou para fazer presente um dos conteúdos de que trata no diálogo. Nas idas e vindas de um diálogo a outro dentro do diálogo maior, fazemos o tortuoso percurso da história que Crítias tem a contar. Aliás, Détienne é muito feliz em sua comparação entre a narrativa de Crítias em *Timeu* e a linguagem cinematográfica: “grande plano sobre Crítias, flash-back sobre Sólon etnógrafo desembarcando no Egito, retorno a Crítias interrogando Sócrates, etc.¹⁰”.

Chamemos de diálogo menor o diálogo que se encontrar dentro de *Timeu* para evitarmos a confusão que o tema pede. Prosseguindo, entre os diálogos menores e o maior, *Timeu*, encontramos alguns pontos comuns. Além das recomposições, que já vimos que estão em vários deles, há outros temas recorrentes. Um deles é a infância. Segundo o velho sacerdote egípcio, como Atenas foi vitimada por vários dilúvios e incêndios periódicos, por cataclismos cíclicos, e os sobreviventes sempre foram montanheses, que não conservam, por serem iletrados, as antigas tradições, os atenienses não conhecem o que se passou na Atenas arcaica, não conhecem mesmo a história de sua fundação há nove mil anos atrás, a contar da data da narrativa do relato

¹⁰ DETIENNE, op. cit., 1989, p.169.

do sacerdote. Então o velho diz a Sólon, em 22b4-5: “Sólon, Sólon, vós, os gregos, sois sempre crianças! Um grego não fica velho¹¹.” Repete a mesma comparação adiante, em 23b1-6:

... como se fôsseis criancinhas, recomeçais outra vez do ponto de partida, sem que ninguém saiba o que se passou [nos tempos passados], tanto aqui como entre vós mesmos. Por exemplo, as genealogias, Sólon, de teus antepassados, que há pouquinho enumeraste, em quase nada diferem dos contos [*mýthon*] para crianças, visto como só guardais a recordação de um único dilúvio, quando é certo ter sido a terra, antes disso, inundada muitas vezes¹².

A imagem da infância daquele que ouve a história aparece também na cena de Crítias ouvindo de seu avô a narrativa. Ele tinha dez anos e seu avô, noventa.

Ainda, uma outra recorrência, essa não tão perfeita: a imagem da escrita como mantenedora de um saber. A história de Atenas guardada pela escrita nos livros sagrados do Egito; a história contada pelo velho Crítias, também a história de Atenas, guardada pela escrita na alma de Crítias novo.

No diálogo *Crítias* a importância da escrita para a rememoração da história pelo personagem é mais acentuada. Enquanto em *Timeu* a única escrita que aparece da narrativa se encontra nos livros sagrados do Egito, em *Crítias* o personagem Crítias tem acesso aos nomes dos atlantes porque Sólon os teria traduzido para sua língua para posteriormente aproveitá-los em poemas que nunca chegou a escrever. Esses escritos teriam ficado com Crítias-avô e agora estão com Crítias-narrador. Por outro lado, os nomes dos antepassados atenienses não se conservaram pela escrita. Os sobreviventes dos cataclismos, iletrados, davam esses nomes aos filhos, mas não sabiam o que os homens com esses nomes haviam realizado. Detienne¹³ complementa, com muita lucidez, que não são esses sobrevivente apenas iletrados, mas mudos, áfonos em relação

¹¹ Tradução nossa.

¹² Tradução de Carlos Alberto Nunes com alterações nossas.

¹³ Cf. DETIENNE, op. cit., 1989, p. 176.

à tradição, por não disporem de *skholé*, ócio, condição para a *mythología*, para a busca do antigo¹⁴ (*anazétesis tôn palaiôn – Crítias*, 110a3-4). Os nomes são conservados, mas não os feitos. Crítias diz isso baseado em testemunho de Sólon. No que tange à memória dos antepassados atenienses, vale a experiência não-escrita de Sólon. Não é à toa que nosso personagem invoca Mnemosýne antes de iniciar sua narrativa.

A postura de Platão em relação à escrita tanto em *Timeu* quanto em *Crítias* não fica tão clara. Em dado momento se denuncia a ignorância dos atenienses frente a seu passado, e em outro se exalta a criança e sua facilidade de aprender por uma escrita que se fixa na alma. Afinal o que pensa Platão da escrita? Ela é a guarda da memória da cidade, mas, por outro lado, todos os personagens, o que é muito estranho à primeira vista, não lêem, pelo contrário, eles recompõem, rememoram o que há muito tempo foi escrito. O velho sacerdote do Egito cita os livros, mas conta a história de memória. A favor da escrita, ainda temos o rigor, a *akribeía* (*Timeu*, 23d2) e o caráter contínuo do relato¹⁵ (*Timeu*, 24a1). Por outro lado, e é difícil afirmar com certeza se Platão estava consciente disso e brincava com isso, o próprio Heródoto põe em dúvida o rigor do escriba do tesouro sagrado de Atenas em Saís. “Ele me pareceu um gozador fingindo ter sido rigorosamente instruído.”¹⁶ Temos também Sólon, um poeta, que não deita a história em versos. Crítias novo, por mais que possua os nomes dos atlantes nos rascunhos de Sólon, tê-los-ia estudado apenas quando criança. Brisson¹⁷ acrescenta um dado ainda mais instigante: se Saís, a cidade egípcia, foi fundada há oito mil anos a

¹⁴Weil levanta a possibilidade de estar Platão se referindo a seu próprio itinerário intelectual, “tendo partido das análises morais de Sócrates, indispensáveis à vida, para se interessar, em seus últimos anos, às investigações em geral e notadamente às que concernem à história”. WEIL, Raymond. *L’“Archéologie” de Platon*. Paris: Klincksieck, 1959. Ver p. 16-17.

¹⁵ Cf. DETIENNE, op. cit., 1989, p. 175.

¹⁶ HÉRODOTE, II, 28 apud WEIL, op. cit., 1959, p. 20.

¹⁷ BRISSON, Luc. Introduction. In: PLATON. *Timée; Crítias*. Traduction inédite, introduction et notes par Luc Brisson avec la collaboration de Michel Patillon pour la traduction. Avec un Supplément bibliographique 1995-2000. 5. ed. Paris: GF Flammarion, 2001. p. 313-341. Ver p. 327.

contar da data fictícia do diálogo (segundo *Timeu*, 23e) e a guerra entre Atenas e Atlântida se deu há nove mil anos, durante mil anos essa história foi transmitida oralmente. Afinal, qual o papel da escrita em relação à memória, se ela é tão pouco usada no próprio processo de transmissão narrado por Platão em *Crítias* e *Timeu*?

Fedro, com uma pequena história contada por Sócrates, nos responde a essa questão com mais clareza. Sem nos alongarmos em *Fedro*, que não é nossa intenção aqui, lá o Egito também aparece, e como o lugar em que a escrita foi inventada. Segundo *Fedro*, Theuth teria inventado entre outras coisas as letras, *grámmata*. Teria ido ele ao rei Thamos para mostrar seus inventos. Ao chegar a vez de mostrar as letras, assim disse, em 274e5-7: “Isto, ó Rei [...], é um conhecimento [*máthema*] que tornará os egípcios mais sábios [*sophotérous*] e mais bem dotados de memória [*mnemonikotérous*]: a droga para memória e sabedoria foi encontrada.¹⁸” Ao que o rei replicou, em 275a2-b2:

Esse conhecimento proporcionará esquecimento nas almas por falta de exercício da memória, já que ele se dá por causa da confiança na escrita que vem de fora, dos caracteres alheios, e não no que vem de dentro, nas próprias recordações; descobriste, portanto, não uma droga para a memória, mas para a rememoração. E ofereces aos alunos uma aparência de sabedoria [*sophías ... dóxan*], e não uma sabedoria verdadeira [*alétheian*]; pois, para ti, tornando-se instruídos sem ensinamento, parecem ser multiconhecedores [*polygnómones*], sendo ignorantes em muitas coisas, e no convívio são insuportáveis, tendo se tornado aparentes sábios [*doxósophoi*] ao invés de sábios.¹⁹

Na história contada por Sócrates estão vários elementos que nos interessam para compreender o valor, se positivo ou negativo, da relação entre escrita e memória. A escrita por si só, é o que nos diria Sócrates, não guarda a memória da cidade. Os livros sagrados estavam lá em Saís. Se não fosse Sólon encontrar um sacerdote disposto a lhe

¹⁸ Tradução nossa. Para tal utilizamos ROBIN, Léon (Ed.). Phèdre. In: PLATON. *Oeuvres complètes*. Paris: Les Belles Lettres, 1944. t. 4. 3^e partie.

¹⁹ Tradução nossa.

contar a história de cor, se não fosse Sólon contá-la a Drópides de cor, se não fosse Drópides contá-la a Crítias de cor, se não fosse Crítias contar a Aminandro de cor, se não fosse Crítias ouvi-la e contá-la a Sócrates, Hermócrates e Timeu de cor, pronto, a história estaria perdida, enclausurada nos livros sagrados de Saís. Os livros são remédio, no diz *Fedro*, para a lembrança. Os nomes traduzidos e rascunhados por Sólon seriam apenas nomes se Crítias já não tivesse ouvido a história de seu avô. Os nomes escritos teriam o mesmo estatuto dos nomes dos atenienses esquecidos. Sabem-se os nomes, não se conhecem os feitos. Quanto ao aprendizado, *Timeu* faz eco a *Fedro*: se algo se aprende é porque a escrita se dá na alma. Loraux²⁰ formula, resumindo nossas considerações, que a história da antiga Atenas se salva quando passa das inscrições em tabletas estrangeiras à alma de um ateniense. Sabemos que o verbo escrever, *graphein*, é o mesmo que diz pintar, gravar, marcar. Nas demonstrações dos geometras ele aparece, no momento em que eles desenham, marcam no solo as figuras. Assim se dá a demonstração das potências por Teodoro em *Teeteto* (148a7), o desenho do quadrado por Sócrates em *Ménon* (83b1). Ao mesmo tempo, escrever, *graphein*, pode significar também processar, como aparece em *Apologia* (19b2). As acusações e o nome do acusado são escritos, são marcados. A escrita é, antes de tudo, marca. Enquanto marca ela sinaliza, indica algo a ser lembrado. Escrevemos para não esquecer, mas esquecemos mesmo assim. Esse é o paradoxo revelado por Platão. A transmissão dos conhecimentos e das histórias depende de um esforço que precisa ser feito a cada vez. Depende da boa disposição de quem conta, da curiosidade infantil de quem ouve. Depende da familiaridade genética, ou de natureza.

Desse breve percurso que fizemos por fragmentos de *Crítias*, *Timeu* e *Fedro* podemos extrair algumas conclusões e diretrizes de trabalho. Em primeiro lugar fica

²⁰ LORAUX, op. cit., 1993, p. 312; 424.

patente que Platão faz da forma literária um veículo de sua exposição ou, melhor dizendo, torna vivível pelo leitor a matéria mesma que está sendo discutida por seus personagens. Sobre o tema da transmissão, ele não se restringe a pôr na fala de Crítias como tudo se deu: “eu ouvi de *a*, que ouviu de *b*, que ouviu de *c*”. Pelo contrário, usa desvios, vale-se de interrupções, de trocas de narrador dentro de uma mesma fala, obrigando-nos a acompanhar a história contada em sua trajetória. Sobre as recomposições e rememorações, é curioso, não sabemos se intencional, como os leitores de *A República*, como nós, se prestam a rememorá-la junto com os personagens de *Timeu*. Ainda que ali não esteja explícita essa referência, nós nos esforçamos para descobrir o que foi esquecido no resumo de Sócrates. E sobre a escrita, é impossível não pensarmos nos diálogos platônicos depois de tudo o que é dito acerca dela. Será que podemos considerar aí algum tipo de exortação, que não se deixem seus escritos enclausurados, que se atente para o que não foi escrito, mas vivido, como com Sólon? Sobre isso não temos ainda uma posição. Mas o certo é, nossa primeira conclusão, que a forma de sua escrita é mais um dos veículos de sua filosofia. É preciso que se diga, no entanto, que a consideração da forma literária que utiliza Platão enquanto um elemento para uma análise filosófica não é compartilhada por todos os comentadores. Rosenmeyer²¹, por exemplo, afirma ter sido o diálogo *Crítias* escrito como um passatempo depois da grande obra de física e cosmologia que é *Timeu*. *Crítias* seria uma *plaisanterie*, segundo o intérprete, e não deveria ser considerado parte integrante do esquema da filosofia platônica. Esse tipo de leitura só é possível enquanto se toma a cena platônica como um adorno para a exposição de conteúdos abstratos, como frisa

²¹ ROSENMEYER, Thomas G. The numbers in Plato's *Critias*: a reply. *Classical Philology*, Chicago, v. 44, n. 2, p. 117-120, April 1949.

Rosenmeyer quanto àquilo que falta a *Crítias*. Na mesma linha segue Osborne²². Pradeau²³, hoje um dos maiores especialistas em *Crítias*, não só discorda dessa corrente à qual Rosenmeyer e outros se filiam, como diz ser esse diálogo uma ficção cujas descrições e estrutura têm “por fim provar hipóteses políticas”. Estaria a utopia²⁴ de *Crítias*, como chama Pradeau, no mesmo patamar que a redação de *A República* e *Político*. Essa também é a opinião de Weil²⁵: “É [...] Platão que molda e que fabrica a história e a fábula histórica, pelas necessidades de sua tese.” Brisson²⁶ segue pela mesma via. Assumindo um vocabulário anacrônico, diz ser Platão o inventor do “romance histórico”, cuja obra fornece a imagem do que deveria ser sua cidade e sua degenerescência.

Passando ao segundo ponto, devemos tomar como assente a ligação de familiaridade que perpassa as transmissões. Não precisamos repetir todo o caminho percorrido da narrativa em questão. Esse tema, portanto, deve ser mais trabalhado futuramente; como Platão entende a noção de familiar, *oikeîos*, e em que sentido ela está sendo tomada na narrativa de *Crítias*. A questão não é tão simples, pois pode tanto revelar uma peculiaridade platônica como uma peculiaridade da cultura grega. Loraux²⁷ afirma ser a família uma metáfora da *pólis*, e usarem os oradores, em tempos de fracasso, termos que reforcem o sentimento de comunidade, termos que tragam relações

²² OSBORNE, 1996, apud MORGAN, Kathryn. Designer history: Plato's Atlantis story and fourth-century ideology. *Journal of Hellenic Studies*, London, v. 118, p. 101-118, 1998. Ver p.102.

²³ PRADEAU, Jean-François. Introduction. In: PLATON. *Crítias*. Traduction, introduction et notes par Jean-François Pradeau. Paris: Les Belles Lettres, 1997. p. vii-xxiii.

²⁴ “Podemos considerar como utopia a ficção que trata de uma cidade imaginária como se fosse uma cidade real, com fins críticos.” PRADEAU, op. cit., p. xvi. Trata-se aqui da utopia enquanto gênero de exposição filosófica e política, idéia defendida por um grupo de intérpretes que inclui Pradeau. Ver p. xvi, nota 12.

²⁵ Weil não poupa expressões de admiração à escrita platônica. “Traços, perspectiva, cor, nada falta a esse cenário meio fantástico. [...] Mas ele ama a obscuridade do detalhe, para expatriar seu leitor e transportá-lo até a terra bárbara.” WEIL, op. cit., 1959, p. 25-26.

²⁶ BRISSON, op. cit., 2001, p. 325.

²⁷ LORAUX, Nicole. *Les enfants d'Athéna: Idées athéniennes sur la citoyenneté et la division des sexes*. Édition augmentée d'une postface. Paris: La Découverte, 1990. Ver p. 121 e 128.

de parentesco, de aliança e amizade. Encontraremos esse tipo de uso em *Menexeno*²⁸ de Platão e em *Helênicas*²⁹ de Xenofonte. Contudo ainda não podemos sustentar que as relações de familiaridade que aparecem em *Crítias* e *Timeu* estejam nesse contexto. Apesar de estar referindo-se à história da *pólis* ateniense, ainda não temos elementos para dar como certo que a família de Crítias esteja representando ou funcionando como uma imagem da família de Atenas, do povo de Atenas. Segundo Weil³⁰, em contrapartida, a pintura encantadora da vida familiar é o que garante, e essa seria sua função no diálogo, a autenticidade da extraordinária aventura da narrativa transmitida. Deixamos em suspenso, por ora, uma resposta definitiva. É possível que as duas posições se complementem, assim como é possível que ainda algo mais além de um reforço retórico ou artifício de persuasão contemple a noção de familiaridade.

Um terceiro ponto, que deve ser mais esmiuçado, já que aqui não o fizemos, é a afirmação de que Sólon seria mais famoso que Hesíodo e Homero se houvesse escrito o que se passara com ele no Egito. Será que temos aí mais uma crítica ao saber do poeta, como aquela que aparece em *República X*, 599d-e, em que Homero aparece como aquele que escreve sobre a excelência e a vida pública mas nunca foi legislador, tendo como contraponto Sólon? Não faz Platão de Sólon, também em *Crítias* e *Timeu*, a figura que soluciona esse impasse? Morgan ainda apresenta uma outra possibilidade de leitura: não seria a poesia que Sólon teria escrito o modelo de poesia apregoadado em *A*

²⁸ PLATÃO. *Menexeno*, 243e4-6: *Ék te gàr tou Peiraiôs kai tou ásteos hos hasménos kai oikeíos allélois synémeixan hoi polítai...* – *Do Pireu e da cidade, como alegre e fraternalmente se misturaram entre si os cidadãos...* Utilizamos, para nossa tradução, PLATON. *Ménexène*. Traduction de Louis Méridier. Introduction et notes de Jean-François Pradeau. Paris: Les Belles Lettres, 1997. A citação foi indicada por LORAUX, op. cit., 1990, p. 128.

²⁹ XENOFONTE. *Helênicas*, II, 4, 21: *Em nome dos deuses de nossos pais e de nossas mães, de nossas relações de parentesco, de aliança e de amizade – pois todos esses laços unem muitos de nós...* Como não tivemos acesso ao texto grego, disponibilizamos a tradução da tradução francesa, encontrada em XENOPHON. *Helléniques*. Texte traduit par J. Hatzfeld. Paris: Les Belles Lettres, 1936. t. 1. A citação foi indicada por LORAUX, op. cit., 1990, p. 128.

³⁰ WEIL, op. cit., 1959, p. 19.

República? A poesia pretendida e nunca escrita tem elementos heróicos e didáticos “e celebra os feitos paradigmáticos do passado ateniense³¹”. Permanece a questão.

Para finalizar, uma última proposta, ou questão, surgida de nossa leitura. Uma possibilidade para a compreensão do uso do Egito como o lugar onde está escrita e guardada a história de Atenas é pensar que Platão quer, no âmbito da cidade, repetir o que ele já coloca no âmbito humano: se a transmissão pede o esforço do “a cada vez que se conta a história”, se o exercício de lembrar é tarefa inesgotável e indispensável, o mesmo se dá na cidade. Os dilúvios, os incêndios sempre acontecerão. Assim como o esquecimento em relação à alma. Tal é sempre o espírito do homem, como diz Weil³², inspirado no livro X de *A República*, com seu rio Ameles, cuja água provocadora do esquecimento toda alma é obrigada a beber. A história contada certamente se perderá. Então, há que se reconstruir sempre a história e nos dois sentidos, ou será um só?, passado e futuro. Ao fim de tudo, vem à memória o texto de *Mênon: o buscar e o aprender, em sua totalidade, são rememoração*³³.

³¹ MORGAN, op. cit., 1998, p. 109.

³² “Tel est toujours l’esprit de l’homme.” Cf. WEIL, op. cit., 1959, p. 17.

³³ *tò gàr zeteîn ára kài tò manthánein anámnesis hólon estín.* PLATÃO. *Mênon*, 81d4-5. Para nossa tradução utilizamos PLATÃO. *Mênon*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001.7